

O contributo da Demografia para o conhecimento e políticas de mitigação da pandemia

Alice Delerue Matos¹ e Ana Maria Nogales Vasconcelos²

¹ Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia (Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho). ORCID: 0000-0002-2394-4077

² Professora na Universidade de Brasília (Brasil). ORCID: 0000-0001-7589-107X

Os movimentos de população estiveram sempre na origem da propagação de doenças infecciosas. A peste negra, que se estima ter dizimado aproximadamente um terço da população europeia em meados do século XIV, foi disseminada por exércitos, mercadores e viajantes. Também a gripe espanhola, que se calcula ter atingido um quarto da população mundial em 1918, terá tido origem nos Estados Unidos e sido propagada em consequência das movimentações das tropas envolvidas na Primeira Guerra Mundial. A história da humanidade é rica em acontecimentos como os que acabámos de relatar e que evidenciam a relação estreita entre pandemias e população. Não surpreende, pois, que a Demografia, enquanto ciência que estuda a estrutura e dinâmica da população, se tenha interessado pelas doenças infecciosas, sua propagação e consequências. Entre 1940 e 1960 foram publicados diversos estudos de Demografia histórica que discutem o papel das epidemias na explicação da evolução da mortalidade. A partir de 1960, a atenção dos demógrafos passa a abranger também as manifestações e consequências demográficas, socioeconómicas, políticas e culturais deste tipo de flagelos (Bourdelaís, 1997). Com a COVID-19, ganha acuidade a relação entre a propagação, em grande escala, de doenças infecciosas e a Demografia. Este ensaio visa precisamente debater esta relação, explicitando o contributo desta ciência para o conhecimento e definição de políticas de mitigação da pandemia.

O contributo da Demografia para o conhecimento científico da pandemia

A atenção dedicada pelos demógrafos à produção de informação e à avaliação da cobertura e qualidade dos dados permitiu dispor de importantes bases de dados sobre fenómenos demográficos e sociais, por um lado, e de um conhecimento aprofundado das potencialidades e limites dessa informação, por outro lado. Estas bases de dados podem alimentar numerosos estudos sobre a atual pandemia, uma vez que abrangem fenómenos relacionados com a dinâmica sociodemográfica, tais como mortalidade, morbilidade, migrações, formação das famílias e relações intergeracionais. Também as competências desenvolvidas pelos demógrafos, no que diz respeito à avaliação da qualidade da informação, constitui uma mais-valia não despiciante, no atual contexto. Com efeito, a tomada de decisão alicerçada no conhecimento científico exige informação de qualidade. A Demografia pode contribuir para a sua produção e para a adequada utilização dos dados disponíveis.

Os demógrafos têm chamado a atenção, por exemplo, para a importância da adoção de critérios claros e uniformes de classificação das mortes por COVID-19. Perante a inexistência destes critérios, como comparar países que consideram apenas os óbitos por COVID-19 registados em estabelecimentos de saúde com aqueles que contabilizam também os ocorridos no domicílio? Ou, como comparar países que verificam a eventual presença do vírus SARS-CoV-2 em todos os indivíduos falecidos, com países que realizam um número restrito de testes? Tendo em conta a grande diversidade de critérios na atribuição da causa de morte por COVID-19, os demógrafos têm recomendado a utilização de outros indicadores, como o do

excesso de mortalidade face a período homólogo anterior (Marinho et al., 2020) que tem ainda a vantagem de contabilizar, para além da mortalidade direta (óbitos de indivíduos com testes positivos à COVID-19), também a mortalidade indireta da pandemia (óbitos com outras causas de morte, ocorridos devido à sobrecarga dos sistemas de saúde ou à procura tardia de cuidados médicos, por receio de infeção).

A Demografia tem contribuído também para a reflexão crítica sobre o tipo de indicadores utilizados na descrição da situação sanitária dos diversos países. Neste sentido, os demógrafos têm apontado os limites das comparações com base em números absolutos e taxas brutas e proposto medidas que permitem comparações válidas. Têm denunciado, por exemplo, comparações com base no número de infetados, uma vez que este valor está intrinsecamente associado à dimensão da população e ao número de testes realizados. Têm-se demarcado também de análises comparativas que recorrem a taxas brutas, tais como o número de óbitos por mil habitantes, uma vez que estas ignoram a composição da população, ou seja, a sua distribuição por sexos, idades, estatuto socioeconómico e outras características dos indivíduos, associadas ao risco de infeção ou de mortalidade por COVID-19. Para ultrapassar as limitações dos indicadores mencionados e comparar, de forma rigorosa, populações com composições distintas, os demógrafos desenvolveram medidas que podem ser de grande utilidade nos estudos comparativos, tais como taxas de mortalidade padronizadas.

Por sua vez, as estratégias metodológicas da Demografia podem ser importantes para o conhecimento científico da pandemia permitindo, nomeadamente, realizar estimativas e projeções da população ou de grupos específicos da população, a partir de dados incompletos. Efetivamente, a Demografia desenvolveu e aplicou técnicas de estimação, em países com dados estatísticos de reduzida qualidade e insuficiente cobertura dos fenómenos demográficos, que podem ser agora utilizadas na avaliação do impacto da COVID-19 em países com sistemas estatísticos menos robustos.

Os métodos e técnicas acionados pela Demografia permitem ainda distinguir os efeitos de idade, período e geração. Os efeitos da idade (relacionados com o percurso de vida) podem ser considerados de nível individual, enquanto que os efeitos de período (ou seja, de momento) e de geração (experiências coletivas ao longo da vida) podem ser considerados como efeitos de contexto (Bell & Jones, 2015). Considerar os diferentes efeitos nos riscos de morbilidade e mortalidade por COVID-19 permite compreender o facto de o vírus afetar sobremaneira as pessoas mais idosas e em situação de maior vulnerabilidade socioeconómica (efeitos de idade e período). Por outro lado, as consequências da pandemia para diferentes gerações que viveram os riscos de infeção e morte em 2020, os impactos da crise económica e as medidas de distanciamento físico impostas poderão ser alvo de estudo a partir de análises longitudinais, muito frequentes nas pesquisas demográficas.

Finalmente, sem pretendermos esgotar o papel da Demografia no esforço científico de conhecimento da COVID-19, não poderíamos deixar de referir o seu contributo para

uma análise interdisciplinar da pandemia. Ao trabalharem na fronteira com outras disciplinas, tais como a Sociologia, a Epidemiologia, a Economia e a Geografia, os demógrafos adquiriram competências de diálogo com outras disciplinas, importantes para uma análise holística das manifestações e consequências da pandemia que afeta a morbidade e a mortalidade, mas também o mercado de trabalho, os modelos familiares e as desigualdades socioeconómicas e de género, entre outras dimensões.

O papel da Demografia na definição de políticas de mitigação da pandemia

Procurámos demonstrar que os demógrafos possuem instrumentos de análise e competências que permitem um conhecimento aprofundado da pandemia. Neste tópico, apresentamos alguns dos contributos da Demografia para a definição de políticas de controle da propagação do vírus e dos seus efeitos.

A identificação de grupos de risco de morbidade e mortalidade por SARS-CoV-2 é indispensável à adoção de medidas que, para além de eficazes, sejam também eficientes. O confinamento de toda a população foi uma medida eficaz, mas com custos elevados. Atualmente, é desejável que, perante um novo aumento do número de infetados, sejam tomadas medidas que reduzam a propagação do vírus e assegurem os cuidados médicos adequados a todos quantos deles carecem, ao mesmo tempo que permitem otimizar os recursos e minimizar os custos. Este tipo de medidas exige, nomeadamente, a identificação dos grupos mais vulneráveis ao vírus e/ou que favorecem a sua propagação. Os demógrafos possuem expertise nesta matéria, tendo contribuído para identificar os indivíduos de idades mais avançadas e/ou com comorbilidades, por exemplo, como grupos mais vulneráveis à mortalidade por SARS-CoV-2. Por sua vez, a rápida propagação da doença e o risco elevado de morbidade têm sido explicados por um grande número de contactos sociais, maior mobilidade espacial, vulnerabilidade socioeconómica e/ou residência em áreas densamente povoadas.

A composição demográfica da população e as suas diferentes características socioeconómicas explicam que os países, e as regiões que os integram, não sofram os mesmos riscos face ao vírus, nem estejam sujeitos à mesma pressão em termos de assistência na doença. O conhecimento dos grupos de risco e, subsequentemente, das regiões mais vulneráveis à pandemia permite que os demógrafos estabeleçam previsões das necessidades de recursos humanos e de infraestruturas de saúde que podem fazer face à COVID-19. O conhecimento destas necessidades é indispensável à eficaz e eficiente gestão da crise sanitária, minimizando o número de mortes e os custos económicos e sociais da pandemia.

O conhecimento das dinâmicas demográficas e sociais permite ainda que os demógrafos apoiem a definição de estratégias de mitigação da doença, ajustadas à realidade. Com efeito, é importante conhecer, por exemplo, os movimentos migratórios ou pendulares da população para se avaliar o impacto de medidas, tais

como a imposição do teletrabalho, para dar apenas um exemplo. Se o teletrabalho, em muitos países e regiões, permitiu minimizar os contactos sociais e a propagação da pandemia, noutros teve um efeito não desejável. Na Índia, por exemplo, ajudou a disseminar a doença, ao gerar movimentos migratórios das zonas urbanas para zonas rurais não atingidas pela COVID-19. Se os fluxos migratórios da população empregada tivessem sido considerados, a propagação do vírus poderia ter sido mais bem controlada.

Conclusões

Neste texto, procurámos mostrar que os fundamentos dos estudos demográficos, com destaque para a produção da informação e avaliação da qualidade dos dados, rigor na medição dos fenómenos e utilização adequada de estratégias metodológicas, por um lado, e o diálogo interdisciplinar tão familiar à Demografia, por outro, assumem grande relevância para o conhecimento científico das manifestações da pandemia. Ilustrámos ainda o contributo da Demografia e dos demógrafos para a definição de políticas públicas, eficazes e eficientes, de mitigação do vírus.

A avaliação futura das consequências da pandemia exige informação detalhada que é necessário acautelar hoje. Neste sentido, recomenda-se que a observação dos indivíduos infetados e falecidos durante a pandemia, discrimine as suas características demográficas e socioeconómicas. É importante assegurar ainda a recolha, ao longo do tempo, de informação relativa às respostas adaptativas dos indivíduos, em múltiplos domínios (relações familiares, interações sociais, relações de género, situação face à atividade económica, condição de saúde, etc.) e às reações estruturais/coletivas à pandemia.

Referências

Bell, A. & Jones, K. (2015). Age, period and cohort processes in longitudinal and life course analysis: a multilevel perspective. In C. Burton-Jeangros, S. Cullati, A. Sacker & D. Blane (Eds.), *A life course perspective on health trajectories and transitions* (pp. 197-213). Cham: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-20484-0_10

Bourdelaís, P. (1997). Épidémies et population: bilan et perspectives de recherches. *Annales de démographie historique*, 9-26. <https://doi.org/10.3406/adh.1998.2145>

Marinho, F., Torrens, A., Teixeira, R., França, E., Nogales, A. M., Xavier, D. & Fujiwara, T. (2020). *Aumento das mortes no Brasil, regiões, estados e capitais em tempo de COVID-19: excesso de óbitos por causas naturais que não deveria ter acontecido* [Vital Strategies: Excesso de Óbitos no Brasil]. https://www.vitalstrategies.org/wp-content/uploads/RMS_ExcessMortality_BR_Report-Portuguese.pdf